



EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prova Escrita de Português

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 639/1.ª Fase

7 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2014

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Deve riscar aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

A

Leia o texto seguinte.

1 Agora, sim, podem partir. O padre Bartolomeu Lourenço olha o espaço celeste descoberto, sem nuvens, o sol que parece uma custódia de ouro, depois Baltasar que segura a corda com que se fecharão as velas, depois Blimunda, prouvera que adivinhassem os seus olhos o futuro, Encomendemo-nos ao Deus que houver, disse-o num murmúrio, e outra vez num sussurro
5 estrangulado, Puxa, Baltasar, não o fez logo Baltasar, tremeu-lhe a mão, que isto será como dizer Fiat, diz-se e aparece feito, o quê, puxa-se e mudamos de lugar, para onde. Blimunda aproximou-se, pôs as duas mãos sobre a mão de Baltasar, e, num só movimento, como se só desta maneira devesse ser, ambos puxaram a corda. A vela correu toda para um lado, o sol bateu em cheio nas bolas de âmbar, e agora, que vai ser de nós. A máquina estremeceu,
10 oscilou como se procurasse um equilíbrio subitamente perdido, ouviu-se um rangido geral, eram as lamelas de ferro, os vimes entrançados, e de repente, como se a aspirasse um vórtice luminoso, girou duas vezes sobre si própria enquanto subia, mal ultrapassara ainda a altura das paredes, até que, firme, novamente equilibrada, erguendo a sua cabeça de gaivota, lançou-se em flecha, céu acima. Sacudidos pelos bruscos volteios, Baltasar e Blimunda tinham caído no
15 chão de tábuas da máquina, mas o padre Bartolomeu Lourenço agarrara-se a um dos prumos que sustentavam as velas, e assim pôde ver afastar-se a terra a uma velocidade incrível, já mal se distinguia a quinta, logo perdida entre colinas, e aquilo além, que é, Lisboa, claro está, e o rio, oh, o mar, aquele mar por onde eu, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, vim por duas vezes do Brasil, o mar por onde viajei à Holanda, a que mais continentes da terra e do ar me
20 levarás tu, máquina, o vento ruge-me aos ouvidos, nunca ave alguma subiu tão alto, se me visse el-rei, se me visse aquele Tomás Pinto Brandão que se riu de mim em verso, se o Santo Ofício me visse, saberiam todos que sou filho predileto de Deus, eu sim, que estou subindo ao céu por obra do meu génio, por obra também dos olhos de Blimunda, se haverá no céu olhos como eles, por obra da mão direita de Baltasar, aqui te levo, Deus, um que também não tem a
25 mão esquerda, Blimunda, Baltasar, venham ver, levantem-se daí, não tenham medo.

Não tinham medo, estavam apenas assustados com a sua própria coragem. O padre ria, dava gritos, deixara já a segurança do prumo e percorria o convés da máquina de um lado a outro para poder olhar a terra em todos os seus pontos cardeais, tão grande agora que estavam longe dela, enfim levantaram-se Baltasar e Blimunda, agarrando-se nervosamente
30 aos prumos, depois à amurada, deslumbrados de luz e de vento, logo sem nenhum susto, Ah, e Baltasar gritou, Conseguimos, abraçou-se a Blimunda e desatou a chorar, parecia uma criança perdida, um soldado que andou na guerra, que nos Pegões matou um homem com o seu espigão, e agora soluça de felicidade abraçado a Blimunda, que lhe beija a cara suja, então, então. O padre veio para eles e abraçou-se também, subitamente perturbado por uma
35 analogia, assim dissera o italiano, Deus ele próprio, Baltasar seu filho, Blimunda o Espírito Santo, e estavam os três no céu, Só há um Deus, gritou, mas o vento levou-lhe as palavras da boca. Então Blimunda disse, Se não abrirmos a vela, continuaremos a subir, aonde iremos parar, talvez ao sol.

José Saramago, *Memorial do Convento*, 27.^a ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1998, pp. 197-199

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Explícite, com base no primeiro parágrafo, os contributos do padre Bartolomeu de Gusmão, de Baltasar e de Blimunda para a construção e para o voo inaugural da passarola.
2. Compare, nas suas semelhanças e diferenças, as reações de Baltasar e de Blimunda a partir do momento em que a passarola se lança céu acima.
3. «O padre ria, dava gritos, deixara já a segurança do prumo e percorria o convés da máquina de um lado a outro» (linhas 26-28).

Explique a euforia do padre Bartolomeu de Gusmão, relacionando-a com dois dos elementos biográficos por ele evocados no primeiro parágrafo.

B

Leia o texto seguinte. Em caso de necessidade, consulte o glossário apresentado a seguir ao texto.

- 1 Com os Voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, Voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas e para as vossas
- 5 escamas, e conhecereis que não sois ave, senão peixe, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-eis, Voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros do vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas asas? Mas ainda mal, porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quisestes ser
- 10 melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga, a vós sem fisga nem anzol, mata-vos a vossa presunção e o vosso capricho. Vai o navio navegando e o Marinheiro dormindo, e o Voador toca na vela ou na corda, e cai palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca, ao Voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das entenas e cair morto.

Padre António Vieira, *Sermão de Santo António (aos peixes) e Sermão da Sexagésima*, edição de Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Seara Nova, 1978, pp. 102-103

GLOSSÁRIO

entenas (linha 14) – antena, verga fixa a um mastro na qual se prende uma vela triangular ou vela latina.

mofino (linha 9) – infeliz, desgraçado.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

4. Caracterize o tipo humano que o peixe voador simboliza, tendo por base o excerto transcrito.
5. Explícite as consequências do comportamento do peixe voador, fundamentando a resposta com citações textuais pertinentes.

GRUPO II

Leia o texto seguinte. Em caso de necessidade, consulte o glossário apresentado a seguir ao texto.

1 Como sucede com todo o escritor genial, a grandeza da obra de Eça corresponde ao triunfo de um ponto de vista. No seu caso, é o olhar oblíquo sobre a realidade, a troça avassaladora dos segmentos do tempo e do Mundo que lhe coube testemunhar e viver, cruzados com a emoção das experiências abismais que aprendeu com os Românticos, associado sem dúvida
5 ao mistério da sua própria pessoa, que lhe conferiram um carácter inconfundível como criador de grande dimensão.

Pelo menos foi assim que eu aprendi a estimá-lo e a lê-lo na adolescência, quando *Os Maias* e *A Correspondência de Fradique Mendes* significavam tudo o que poderia haver de mais moderno, mais urbano e mais sofisticado, escrito em língua portuguesa. Pelo menos é
10 assim que o entendo sempre que lá regresso e encontro erguido no ar todo o final do século XIX, esse tempo hiperbólico e desastrado que ele interpretou a rir, até hoje, como ninguém.

Mas se é verdade que Eça continua atual, e Portugal em muitos dos seus traços sociológicos continua queirosiano, parece-me desajustado que se continue a divulgar a ideia de que a sua prosa e os seus tipos constituem uma espécie de bitola geneticamente inultrapassável. O
15 cânone, por mais que o seja, não pode ser tomado como uma medida parada. É inquestionável que Eça ultrapassou de longe a Escola Realista, onde mal cabia, e chegou mesmo a pressentir o Modernismo que iria estilhaçar muito em breve o conceito da criação como reprodução da realidade. Não viveu, porém, e infelizmente, a deflagração extraordinária operada no seio das certezas e dos objetos, decomposição dos seres visíveis e invisíveis que viria a produzir as
20 grandes experiências literárias do século XX. As literaturas, e em especial a ficção que se lhe seguiu, tornar-se-iam bem mais complexas, e também mais difíceis de apreender e aceitar, enquanto espelho da vida. A partir de então, a ficção passou a ser o espelho duma outra vida bem mais lábil e inapreensível. A narrativa incorporou os resíduos das aparências e o seu consumo transformou-se, naturalmente, em atos de muito menor docilidade. É por isso que,
25 para além do culto que a obra de Eça legitimamente merece, por mérito próprio e grandeza genuína, se deve reconhecer, para sermos justos, que muita da admiração totalitária que Eça desencadeia nasce porventura duma espécie de preguiça e lentidão em entender, ainda nos nossos dias, a linguagem diferente daqueles que lhe sucederam. O que não parece vir a propósito, embora venha. Como um dia veremos.

Lídia Jorge, «Sobre Eça de Queirós», *Camões*, n.º 9-10, abril-setembro de 2000, p. 108

GLOSSÁRIO

cânone (linha 15) – conjunto de autores e de obras literárias considerados modelares num determinado período histórico.

lábil (linha 23) – variável, instável.

1. Para responder a cada um dos itens de 1.1. a 1.7., selecione a opção correta.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção escolhida.

1.1. No caso de Eça de Queirós, a expressão «triunfo de um ponto de vista» (linhas 1 e 2) corresponde a uma síntese que exclui a

- (A) natureza enigmática da sua personalidade.
- (B) interpretação idealista daquilo que o rodeia.
- (C) crítica mordaz sobre a sociedade do seu tempo.
- (D) influência de importantes autores do Romantismo.

1.2. Desde as primeiras leituras realizadas na adolescência, a admiração da autora pela obra de Eça

- (A) mudou consideravelmente.
- (B) tornou-se inultrapassável.
- (C) mantém-se inalterada.
- (D) cresceu significativamente.

1.3. Segundo a autora, depois de Eça, a literatura

- (A) passou a integrar o real de forma mais complexa.
- (B) continuou a retratar os tipos e os ambientes queirosianos.
- (C) integrou, sem ruturas, a herança de correntes literárias anteriores.
- (D) começou a basear-se na ciência, espelhando a sociedade do século XX.

1.4. Para Lídia Jorge, a valorização da prosa de Eça nos nossos dias, ainda que legítima, resulta em grande parte

- (A) do facto de constituir o único grande testemunho literário do Realismo.
- (B) da sua integração no cânone literário do final do século XIX.
- (C) do seu afastamento total relativamente à corrente modernista.
- (D) da dificuldade dos leitores em entenderem a literatura subsequente.

1.5. Na expressão «deflagração extraordinária» (linha 18), a autora recorre a

- (A) uma antítese.
- (B) um oxímoro.
- (C) uma metáfora.
- (D) um eufemismo.

1.6. Na expressão «se deve reconhecer» (linha 26), apresenta-se uma

- (A) obrigação.
- (B) permissão.
- (C) possibilidade.
- (D) probabilidade.

1.7. O último parágrafo do texto é predominantemente

- (A) narrativo.
- (B) descritivo.
- (C) argumentativo.
- (D) expositivo.

2. Responda aos itens apresentados.

2.1. Identifique a função sintática desempenhada pela palavra «queirosiano» (linha 13).

2.2. Classifique a oração «onde mal cabia» (linha 16).

2.3. Classifique o ato ilocutório presente em «Como um dia veremos.» (linha 29).

GRUPO III

Para uns, a ambição está na origem de todas as conquistas humanas; para outros, a ambição é a causa de muitos dos problemas da humanidade.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, desenvolva uma reflexão sobre a afirmação apresentada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2014/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

A	60 pontos
1.	20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)
2.	20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)
3.	20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)
B	40 pontos
4.	20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)
5.	20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)
	<hr/>
	100 pontos

GRUPO II

1.	
1.1.	5 pontos
1.2.	5 pontos
1.3.	5 pontos
1.4.	5 pontos
1.5.	5 pontos
1.6.	5 pontos
1.7.	5 pontos
2.	
2.1.	5 pontos
2.2.	5 pontos
2.3.	5 pontos
	<hr/>
	50 pontos

GRUPO III

Estruturação temática e discursiva	30 pontos
Correção linguística	20 pontos
	<hr/>
	50 pontos

TOTAL **200 pontos**